

HUSTON, Nancy. *Lignes de faille*. Arles: Actes Sud; Montréal: Leméac, 2006. 487p.

Nubia Hanciau

Então eles dizem que é sempre importante falar, falar, falar, perguntar à criança quais as motivações para seu mau comportamento, deixá-la se explicar antes de lhe mostrar, gentilmente, como fazer uma escolha mais apropriada na próxima vez. Jamais nela bater (p. 39).



Em *Lignes de faille* (2006), a narrativa se desenrola de 2004 a 1944, da contemporaneidade e realidade do século XXI à Alemanha nazista e à última Guerra Mundial. A América de Bush, o III Reich de Hitler, a guerra no Iraque, a pornografia, a política e a amnésia, o que têm em comum? Nancy Huston pinta quatro quadros, nos quais une o antagonismo por meio de dois meninos e duas meninas, crianças narradoras da saga de uma família judia que guarda – como costuma acontecer – um grande segredo, perscrutado em quatro etapas narrativas, que se sucedem e retrocedem no tempo: o filho, o pai, a avó e a bisavó descrevem, aos seis anos de

idade, como percebiam o ambiente em que viviam em sua relativa ingenuidade, dotados da lucidez própria dessa idade. Passa-se dos videogames contemporaneíssimos aos *Lebensborn* (“fontes de vida”), famosos “haras nazistas”, estabelecimentos concebidos por Heinrich Himmler com o objetivo de germanizar as menores entre mais de duzentas mil crianças roubadas dos países submissos (Polônia, Ucrânia) e, assim, recompor sua memória antes de confiá-las a potentados nazistas em escassez de descendência (cf. notas da autora, p. 483).

Solomon (Sol, Solly), a primeira criança do livro, é um menino californiano que vive em plena era do atentado de 11 de setembro (2001), obcecado pela pureza, contaminado pelo seu tempo e pelo seu país, nação excessiva em tudo. Sol navega sem trégua nem limite na tela do computador e nela “engole” o que encontra, achando-se invulnerável, um deus que mergulha no engodo da suficiência, a ponto de não se conscientizar sobre o que o fere. Os pesadelos e o sofrimento físico é que conseguirão trazer ao mundo real esse menino que “planta” a história da família, as avós misteriosas (passado perturbado, desavença familiar, a vida conturbada de uma cantora internacional, o combate ao

nazismo). Na primeira página, quando Sol desperta, ele pensa: “Quando acordo sou iluminado, alerta, eletrificado, cabeça e corpo em perfeito estado de ação; tenho seis anos e sou um gênio, primeiro pensamento da manhã” (p. 13). Para ficarmos apenas no começo, recupera-se a divertida descrição das derivas educativas: rebentos vigiados em todos os planos – alimentar, escolar, sanitário –, porém perfeitamente livres para vagar na Internet: “Mamãe decidiu que eu era muito pequeno para ver ‘O diário de Bridget Jones’, embora eu duvide que seja tão explícito quanto os sítios de ‘Abou Graïb’ ou ‘Penetre-a à força’”, surpreende-se Sol, primeira das quatro testemunhas. De geração em geração, de infância em infância as crianças são destruídas em tenra idade. Mas, como “tudo se define até os seis anos”, lembram os especialistas infantis, elas se transformam em pais ou mães abusivos ou ausentes, prisioneiro(a)s involuntário(a)s do que nelas inscreveram com ferro em brasa. Os sinais também são marcados na pele – o estigma do sangue – para encontrar as pistas do destino, que levarão à verdade, ao trauma e à ruptura iniciais, em viagem iniciada na América de hoje, ao mesmo tempo iluminada, caricatural e jubilatória.

A seguir é contada a história do pai de Sol, Randall, que conduzirá o(a) leitor(a) até Israel, em 1982. Vinte anos antes (1962), a mãe de Randall, Sadie, avó de Sol, traz ao presente sua história infantil. Cativa do mundo seco e asséptico dos avós canadenses que a educam, contrariados, ela também é cativa da ausência de uma mãe fantasmática e adulada; mas é sobretudo cativa das regras que ela própria se impõe com toda a seriedade de uma criança que constrói rituais secretos para trazer de volta a mãe.

E, finalmente, revela-se que Kristina, agora nos idos de 1940, foi retirada de sua família ucraniana, educada em família alemã sob a política de Himmler. É ela a responsável pela marca – *la ligne de faille* – que atravessa as quatro gerações retroativamente sucedidas na narrativa, estratégia da escritora para que se remonte no tempo aos poucos, para trazer ao presente progressivamente a raiz do Mal, o inconsciente coletivo hereditário.

Impressiona descobrir a verdade perturbadora na apoteose final da quarta etapa, onde tudo começou e onde o livro termina; aqui se esclarece o enigma dessa família misturada: as premissas, a razão da pulverização do destino dos herdeiros de Kristina, aliás Klarysa, aliás Erra, aliás AGM e

mãe de Sadie, a força do seu segredo e a de suas melodias sem palavras, o impacto inicial que se estende sobre uns e outros, em uma narrativa que abarca várias épocas, construída à *rebours*. Ao fim da escalada o(a) leitor(a) que perseguiu o fio da memória desvenda o *puzzle*.

Se aparentemente Sol, Randall, Sadie e Kristina nada têm em comum, são unido(a)s pelo sangue. Da bisavó ao menino Sol, cada geração enfrenta terremotos políticos ou íntimos desencadeados pela geração precedente. Contudo, o que é mais extraordinário em *Lignes de faille* é a forma como o romance é conduzido por intermédio da palavra dessas crianças, vítimas dos acontecimentos que as ultrapassam, sujeitas a escolhas que lhes escapam – não obstante, as marcarão por toda a vida.

Sabe-se da ferida da autora, reavivada livro após livro, que aqui ressurge como uma espécie de expiação: nascida em Calgary (Alberta), ela era ainda menina quando sua mãe a abandonou. Esse “cataclisma” ocorrido aos seis anos determinou não apenas suas futuras reações, mas o itinerário que segue e se origina – conforme ela própria atesta – nesse fato de ordem estritamente pessoal. Ela compartilha assim a dor de Sadie, que acredita não

ter sido suficientemente amável para conservar a mãe perto de si. Nancy Huston prevê desde jovem uma possibilidade de salvar-se da frustração e do choque, graças ao afastamento e à condição de estrangeira que uma nova identidade propicia. A escrita para ela constitui-se em âncora, lugar fixo de onde poderá perscrutar a outra dela mesma, o pouco daquele “eu” sofrido que ainda hoje continua a viver no Canadá... Se não há cura para tamanho conflito, ele pode render um número infinito de histórias que transformam o vazio em muitas vidas, enfeitadas com dimensão quase mítica, como em *Lignes de faille*, que transcendem e se incrustam na Grande História.

Mais uma vez, dois dos grandes temas prediletos da autora se encontram entremeados nesse romance: o poder destrutivo dos adultos sobre a criança (assunto já abordado em *La virevolte* – 1994) e a força dos ódios racistas (tema de *L’empreinte de l’ange* – 1998).

De acordo com as palavras do editor, não importa o deus que busquemos, a época em que vivamos, o homem sempre tem a última palavra, e com ela a barbárie. Contra esta, entretanto, é que se levanta *Lignes de faille*, obra em que, com amor, humor e ira, Huston celebra a memória, a fidelidade, a resistência e a música, alternativas à falsidade e às dores trazidas da infância.